

Candango, com muita honra

Luiz Artur Toribio

Brasília, hoje concreto, cimento, vidro fumê, começou a ser construída na madeira pura, de pinho, pintadinha e bem tratada. Primeiro o Catetinho, depois a Novacap ou Candangolândia (Velhacap). Fomos visitá-la e relembramos algumas histórias.

"A Candangolândia não é mais aquela. Quem hoje vai fazer uma visita a antiga sede administrativa da Novacap, a capital da nova capital sente uma estranha sensação. Eu, que primeiro conheci a Candangolândia através de antigas fotografias — belas jardins, ruas certinhas, casas exemplares — publicadas na revista Brasília, editada pela Novacap, desde 1957, fiquei chocado. Me senti realmente passeando pela história, mas uma história maltratada, renegada, maldita. Uma página que tentaram arrancar mais não conseguiram. Ficou o borrão.

Primeiro, este lugar histórico de Brasília sobrevive hoje cercado por grades instaladas pela Fundação Zootécnica, o que de imediato dá uma péssima impressão. Depois, o mata está crescendo, com quase um metro de altura e tomou conta da região. As casas de madeiras e tábuas de pinho, que simbolizam tão bem a brava conquista deste imenso território no Planalto Central, ficam escondidas em pleno matagal.

Há 25 anos, aquela região era a mais importante do país. Hoje as famosas ruas do Engenheiro, dos Mestres, dos Operários, do Acampamento dos Solteiros, as antigas sedes da Caixa Econômica, e do Departamento de Viação e Obras (o famoso DVO) são meros caminhos no meio do mato.

A sede do Clube Paranoá, onde Luís Gonzaga e Emilinha Borba, animavam os diretores da Novacap (Bernardo Saião, Ernesto Silva, Jofre Mozar Parada, Vasco Viana, Moacir Gomes de Souza, Iris Memberg, entre outros que ali moraram), e onde também foi eleita, em 1958, a primeira Miss de Brasília, hoje abriga oito famílias, em forma de cortiço.

Das "As dez mais", como eram conhecidas um conjunto de residências geminadas, sobraram apenas seis e mesmo assim caindo aos pedaços. O SAPS sumiu a igreja São José Operário continua com suas cores azul e branco, mas também está abandonada. Do "estádio" do Candangolândia Futebol Clube, onde Pelé e Garrincha desembarcaram certa ocasião de helicóptero, só sobrou o campo e mesmo assim careca. Da Escola Júlia Kubitscheck, nem se fala: dá vergonha.

Meu Deus, que falta de consciência histórica! Mas os moradores, através de sua associação, começam a reagir, fazendo um trabalho próprio de memória e debates entre eles.



1) Uma moradora, um exemplo

— Brasília ainda é um pedacinho do céu. Dona Liz Costa diz isso assim como quem serve um cafezinho (com biscoitos caseiros e queijo mineiro) a mais uma visita, tal é sua simplicidade.

Ela mora na Candangolândia há 25 anos. Chegou em setembro de 1957. Largou a vidinha sem perspectiva de Belo Horizonte e veio acompanhar seu marido, seu Jarbas, que foi responsável pelo controle dos jipes da Novacap, na aventura de erguer Brasília. Sempre com um largo sorriso no rosto, Dona Liz costuma se apresentar como «piotária». Na realidade, ela é um exemplo vivo da participação da mulher na construção de Brasília.

«Quando meu marido veio pra cá, falavam horrores de Brasília lá em Belo Horizonte. Isso aqui, para os mineiros, era pior que o inferno. Eu deixei minhas quatro filhas lá e vim conhecer essa nova terra.

Quando chegou na Candangolândia, depois de viajar de «lotação» vários dias, Dona Liz descobriu que a palavra chave desta nova terra era: «esperança».

«Esperança de um futuro melhor. Esperança de ter uma casa própria. Eu resolvi vim em busca de minha casa própria também».

Até hoje Dona Liz não tem sua casa própria. Não tem, mas mora de graça, em uma bela e histórica casa de cinco cômodos, dois banheiros, varanda e um grande quintal na Rua dos Engenheiros. Sua casa atual foi a primeira residência do diretor da Novacap, Iris Memberg. Desta casa ela cuidou como se fosse sua (e na realidade, é). Plantou árvores frutíferas no

quintal, reformou o teto, instalou telefone e fez muitas outras melhorias:

«Não sei explicar porque não conseguimos nossa casa própria até hoje. Acho que foi negligência, ou melhor: contexto da vida».

Nos tempos duros de construção, lá pelos idos de 58, 59 e 60, a casa de Dona Liz era muito conhecida na Candangolândia. Ficou conhecida como «A casa das quatro meninas», por causa de suas quatro filhas, um dos primeiros bandos de criança a chegar por aqui. Além disso, era também um recanto espiritual para os candangos.

Foi na casa de Dona Liz que foi fundado o primeiro centro espírita de Brasília — o Centro Espírita André Luís. Ela, porém, muito foi um espírita sectária, fechada:

«Minha casa era frequentada pelos padres Primo, Raimundo Teixeira e Roque; e também pelo Frei Demétrius, um homenzarrão cristão e muito enfezado. Aqui também se hospedou o pastor Casemiro, que trouxe a religião protestante para Brasília. Hospedávamos também diversos padres e freiras, tanto brasileiros como estrangeiros que passavam por aqui durante a construção».

Com sua simplicidade, Dona Liz deixa claro que no sufoco do pioneirismo, houve uma integração muito grande entre as diversas tendências religiosas que por aqui chegavam. A fé em Deus, no futuro, em dias melhores, fazia com que as diversas religiões convivessem de forma harmônica:

«Minha casa sempre foi muito eclética».

2) As origens do lugar

O arquiteto Lucídio Guimarães de Albuquerque chegou no Planalto Central ainda na primeira metade dos anos 50, como membro da Comissão de Localização da Nova Capital chefiada pelo marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. O presidente da República, na época, era Café Filho. E mais do que pioneiro — é bandeirante.

Lucídio Guimarães tem uma visão bastante clara (e histórica) sobre a construção de Brasília. Diz ele que, do ponto de vista geopolítico, «a construção da nova Capital teve o mesmo papel que uma cabeça de ponte para a ocupação brasileira do Planalto Central e da região Amazônica».

Hoje, publicaremos, seu relato e testemunho sobre a fundação da NovaCap — que ajudou a fazer o texto — e o surgimento da Candangolândia, episódios estes que ele participou ativamente:

«Quando organizaram a NovaCap, em 1956, sua diretoria começou a baixar a resolução. Uma delas, a de nº 3, inspiração de Joaquim Silva Tavares, delimitava a faixa sanitária de proteção de Brasília, que é hoje a EPCT — Estrada de Contorno — para proteger a bacia de contribuição hídrica do lago Paranoá, que deveria ser preservado a todo custo quanto a qualidade da água, no pressuposto de que todas as aglomerações humanas e industriais ficassem fora da Bacia de Contribuição.

Surgiu a necessidade de arranjar um local para os acampamentos das firmas construtoras, que por razões óbvias deveriam ser fora da EPCT. Fui chamado com Jofre Mozart Parada para estudar o

assunto e propor um local para os acampamentos. O local escolhido era a confluência da estrada Anápolis-Goiânia por ser via natural de penetração da região Sudoeste, de onde vinha a matéria-prima e a mão-de-obra para a construção. Numa reunião realizada em começo de 57, no Catetinho, o assunto ficou sob a responsabilidade do doutor Iris Memberg, diretor da NovaCap. Eles entraram para a reunião e eu e Jofre ficamos do lado de fora. O presidente Juscelino era um homem ativo, gostava de despachar os assuntos com rapidez, sem perda de tempo. Quando chegou a vez do assunto «Acampamento», houve a seguinte conversa que eu e Jofre escutamos da ante-sala:

«Bem, agora vamos tratar da instalação dos acampamentos», disse Juscelino. Antes que Iris Memberg apresentasse nosso projeto, o doutor Bernardo Saião interviu:

«Pode deixar presidente, já tive experiências na construção de outras cidades, como Ceres e a de Rialma. Vamos fundar um Núcleo Bandeirante com características de cidade-livre, sem impostos, para receber as firmas e as pessoas que queiram construir Brasília».

Juscelino, rapidamente, impressionado com o nome Núcleo Bandeirante, aceitou a ideia: «Pode deixar Iris. O doutor Saião cuida disso. Vamos a um outro assunto».

No dia seguinte, o doutor Bernardo Saião me chamou para projetar o Núcleo Bandeirante que teria, nas imediações, um acampamento privativo do pessoal que trabalhava para a NovaCap. Surgiu, então, a Candangolândia».

3) Uma visão em cordial

Que livro formidável o Sebastião Varela, o Tião, funcionário da UnB, ex-garimpeiro, ex-soldado da borracha no Acre, mestre na confecção de ladrilhos e mosaicos, ex-candango da construção de Brasília. Com 170 páginas de saborosos versos de cordel, o livro chama-se «O candango na fundação de Brasília» e foi editado em 1981 pelo Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do GDF. A apresentação é da própria Secretária de Educação e Cultura, Eurides Brito da Silva, que o considera um documento.

«A poesia de cordel, abordando aspectos que vão da construção à inauguração da nova capital, a partir do enfoque do homem que participou ativamente deste processo de enriquecimento de uma cidade, representa mais do que uma manifestação folclórica de nossa literatura oral: constitui-se de fato, em um documento histórico sobre Brasília», (trecho da apresentação do livro).

O prefácio é do professor e poeta, Cassiano Nunes, do Departamento de Arte da UnB. Após fazer um longo e dispensável comentário sobre tendências literárias da moda (todas são válidas, proferidor), ele começa a analisar brilhantemente o livro:

O professor Cassiano, então, passa a analisar a poesia do candango visto por ele mesmo através da poesia de cordel, nordestina, brasileira até a alma; e conclui:

«O poema termina apoteoticamente com a festividade da inauguração da nova Capital brasileira. Todos os aspectos das cerimônias jubilosas que festejaram o término das obras e a concretização do alto sonho nacional, são relatados e comentados pelo poeta popular, que assim concluiu: «Nunca vi tanta alegria/ com tanta simplicidade».

Após a apresentação feita pelo professor Cassiano Nenes, selecionamos alguns dos versos mais fortes e representativos do poeta Tião Varela. Vejamos que Beleza:

Sobre Juscelino: «Faço uma saudação/ a este torrão brasileiro/ Brasília cidade moça/ gentil e muito altaneira/ construída na gestão/ de um presidente mineiro/ que foi o guia de tudo/ o maior dos pioneiros/ Este homem é Juscelino/

Kubitscheck de Oliveira/ a quem devemos o progresso/ desta grande redondeza/ Brasília é conhecida/ até lá nos estrangeiros/ como capital moderna/ um triunfo brasileiro».

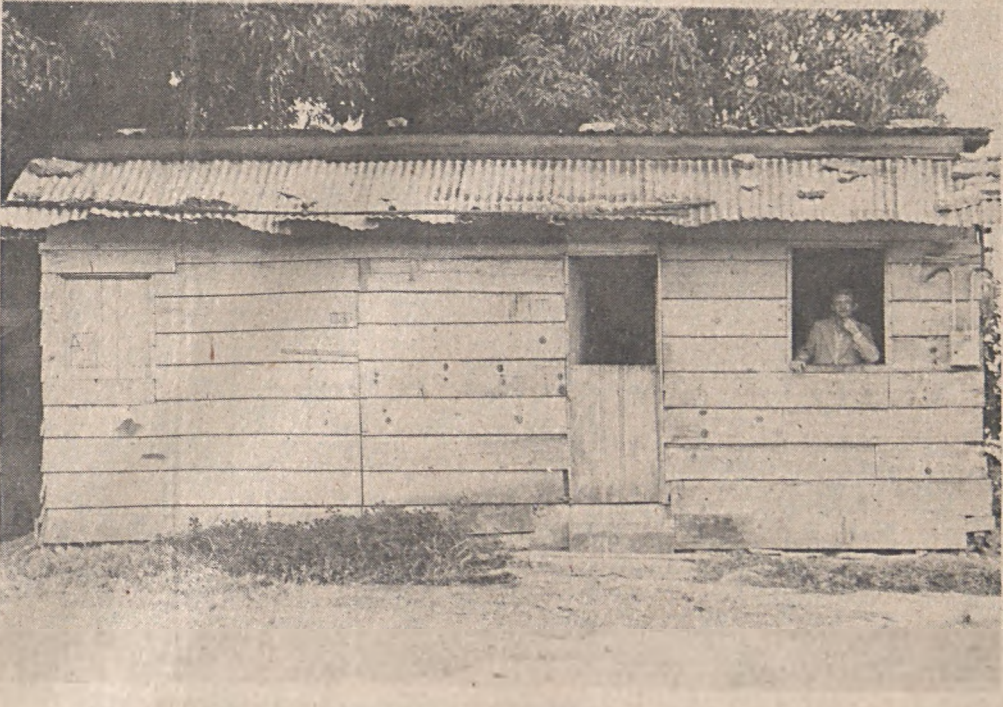
Sobre a Candangolândia: O primeiro logrador/ foi mesmo a Candangolândia/ embora tudo de tábuas/ 100 casas muito bacana/ os primeiros moradores/ chegavam de caravana/ Estas casa de quem falo/ foram feitas de supetão/ entre elas a NOVACAP/ era administração/ chefe de tudo afinal/ do governo e da nação/ Construiria acampamento/ e também uma prisão/ o restaurante do SAPS/ perto era a detenção/ para quem desrespeitar/ ter a sua punição».

Sobre a relação da GEB (Guarda Especial de Brasília) com os operários: Polícia naquele tempo/ pagava para bater/ as vezes sem necessidade/ levava para a cadeia/ quanto mais o homem ébrio/ esse apanhava sem ver/ A polícia proibia/ feitiço de barracão/ quando ela dava costa/ começava a construção/ era oito, dez candangos/ na mais perfeita união/ bem cedinho uma família debaixo/ era assim as invasões».

Sobre os médicos: «Deixe a polícia pra lá/ que aqui era marmota/ vamos falar de um médico/ Dr. João Leão Mota/ foi este o primeiro médico/ aqui por dentro das grotas».

Sobre as mulheres: No começo de Brasília/ mulher era fruta rara/ só se enxergava homem/ na construção do serado/ sofria rapazes solteiros/ e também homem casado/ Precisavam ter dinheiro/ pra dá uma bacana/ pois as mulheres mais perto/ era só em Luziânia/ quando não se encontrava/ nós ia até Goiânia».

Sobre os acidentes: Ninguém sabe os acidentes/ por dia quantos se davam/ pois os canteiros de obras/ tudo era separado/ um vigia no portão/ e era tudo trancado/ conheci muitos amigos/ que eram do Ceará/ trabalharam junto comigo/ em casa não voltou mais/ aqui mesmo liquidou-se/ aqui está enterrado/ Muitas vezes o seu filhinho/ chamando pelo papai/ sua mãe «papai já vem/ se cale e vá deitar/ nem ela mesmo sabia/ seu delicado marido/ já se chamava finado».



Atualmente, a histórica Candangolândia está totalmente abandonada

4) As origens da palavra

Candango, sabemos já o que é: o homem obreiro que ergueu Brasília.

Uma visita a biblioteca do historiador João Gondim, levou-me ao livro «Brasília: Folclore e Turismo» do já falecido folclorista Francisco Manoel Brandão, um homem alegre e bastante culto, que foi procurador do SAPS durante a construção. Este trabalho foi escrito nos idos de 1957:

«O vocábulo candango vem da África, por ser com ele que o nativo daquele continente indicava o português. Constitui, segundo Cândido de Figueiredo (dicionário da Língua Portuguesa) uma corruptela de candango, palavra do Quimbundo, língua bantu de Angola».

Eis aí a primeira pista encontrada no livro de Francisco Manoel Brandão.

Brandão nos dá pelo menos umas três dúzias de variantes africanas da palavra. E também uma visão crítica do sentido para que ela foi usada:

«Isto vem sendo ultimamente entendido por termo ofensivo, desprimoroso, quando, pelas razões que o fizeram ressurgir (note-se bem: ressurgir), deveria ser estimado com um título de honra que muitos gostariam de possuir, se tivessem peito e raça para ser candango em Brasília». (Texto de 1957)

Candango, segundo o folclorista, já chegou até a ser palavra utilizada por «líderes do proletariado» para qualificar e enquadrar os trabalhadores que não aceitavam propostas radicais. Nas suas pesquisas, Brandão achou o fio que o levou às origens brasileiras da palavra:

«Nessas questões oriundas do povo ou a eles afetas, nada como ouvir o próprio povo».

«Saber o que ele sabe a seu modo é um dever primeiro do folclorista ou de todo aquele que procura interpretá-lo».

«Esclareceu-nos um velho baiano radicado em Formosa, cidade próxima do ponto central da nova Capital, que o nome candango teria aparecido em Goiás, onde também se usava, segundo ele, o velho baiano, cafuçu, em substituição a candango, querendo uma e outra palavra dizer a mesma coisa; uma espécie de homem «andejo», «retirante» como o «pau-de-arara». Carlos Castro e Silva é o nome desse baiano, cuja profissão é pintor. (...)

«Vinculado esse significado a causas e razões de ordem etnológica e sociológica, eis que deixou de ser um termo depreciativo contra o português, para indicar o homem nacional descendente do Índio brasileiro e do Índio africano; ou seja, do mameluco e do preto, brasileiro esse que veio constituir a grande massa proletária. (...)

«Quem quiser a palavra candango como ofensiva, desprimorosa, tem-na conforme a sua intenção inamistosa».

Quem aplicá-la como um título que corresponde ao espírito de luta, à tenacidade do homem obreiro que emigra da sua terra natal em busca da própria sobrevivência, de maiores rendimentos de ganho e trabalho, nenhuma ofensa terá irrogado. (...)

«Candango, para nós, quer dizer «Bandeirante Moderno»; homem pioneiro de Brasília, assim como «Pracinha», que ontem era diminutivo pouco lisonjeiro, hoje é medalha de honra no peito dos heróis da FEB, sejam eles generais ou praças de pret.»